

## Chico Buarque – *O irmão alemão*

São Paulo: Companhia das Letras, 2014

Luis Eduardo Veloso Garcia<sup>1</sup>

Considerada uma das vertentes mais exploradas na literatura do tempo presente, a autoficção pode ser definida basicamente pelo modo como o autor representa sua figura dentro da obra literária, num exercício estético lúdico que envolve diretamente a construção do leitor. Pode ser proposta de diversas maneiras, afinal, a configuração pessoal do autor como um jogo para o leitor torna-se sempre um desafio complexo e interessante.

Em *O irmão alemão*, livro de Chico Buarque de Hollanda que traz como narrador em primeira pessoa o personagem Francisco de Hollander (primeiro sinal direto do jogo autoficcional no nome da personagem), a proposta lúdica do autor consiste em jogar com a construção coletiva em torno da figura do próprio Chico Buarque. O autor usa essa leitura possível como elemento de enganação para o leitor; e o jogo estético proposto no livro é da afirmação direta do autor, que envolve o leitor numa nuvem de pistas falsas.

Como bem lembra Karl Erik Schøllhammer em seu livro *Ficção brasileira contemporânea*, numa época em que “a atenção em torno da pessoa do escritor cresceu, e a figura espetacular do ‘autor’ tanto quanto o objeto livro ganharam maior espaço na mídia” (Schøllhammer, 2009, p. 19), qualquer proposta de aproximação biográfica de uma figura renomada em nossa sociedade – como é o caso de Chico Buarque, que transcende o espaço cultural para outras significações sociais amplas em torno de seu nome – torna-se, automaticamente, material para a contemplação com a “leitura da celebridade”, afinal, o leitor que encara tal obra nem sempre tem em suas mãos um arcabouço teórico capaz de compreender que se trata de uma “encenação ficcional do eu” ou, nas palavras do crítico citado, “o miolo do real é o sujeito, e a lição serve para uma espécie de encenação de si com a finalidade de semear dúvida a respeito da sinceridade enunciativa do ‘eu’ narrativo” (Schøllhammer, 2009, p. 108).

---

<sup>1</sup> Doutorando em estudos literários na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, SP, Brasil. E-mail: [dinhopiraju@gmail.com](mailto:dinhopiraju@gmail.com)

Sobre esse princípio da confusão estabelecida dos limites entre real e ficcional, o livro *O irmão alemão*, lançado em novembro de 2014, gerou uma grande repercussão nos veículos midiáticos antes mesmo de chegar ao mercado, justamente por se tratar de um episódio marcante da família de seu autor: a descoberta de dados concretos, com a ajuda de uma equipe de historiadores contratada pela editora *Companhia das Letras* (editora que publicou os mais recentes trabalhos de Buarque), da biografia de Sergio Günther, o filho alemão que o pai de Chico, o conhecido sociólogo e historiador brasileiro Sergio Buarque de Holanda, não conseguiu criar.

Torna-se importante compreender que, mesmo a obra se apresentando como uma legítima ficção, existe em seu entorno uma necessidade coletiva não anunciada de “buscar verdades” relativas à figura do autor em questão. Vontade esta alimentada não só por uma parcela dos leitores que irão atrás de sua leitura, mas principalmente pelos veículos midiáticos e mercadológicos que auxiliarão no prosseguimento da obra como produto.

À época de lançamento do livro, diversas reportagens foram difundidas com o propósito de apontar as “verdades e mentiras” dentro da obra. Entre elas, vale destacar os “guias da realidade descrita por Chico Buarque”, publicados pela *Folha de S. Paulo*, numa reportagem de Roberta Campassi, e o extenso relato feito por Fernando Barros e Silva, o biógrafo autorizado do autor, na revista *Piauí* sobre as visitas de Chico Buarque na Alemanha para levantar dados do irmão. O próprio modo escolhido pela editora *Companhia das Letras* para sua distribuição e propaganda acabou afirmando esse caminho, afinal, o porta-voz escolhido pela editora para as entrevistas de lançamento do livro não foi o autor Chico Buarque – que, como se sabe, sempre foi avesso a entrevistas –, mas, sim, o principal responsável por encontrar os dados sobre o irmão alemão, o historiador e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) João Klug.

De qualquer modo, o investimento pesado da editora na pesquisa histórica que serviu de base para a construção desse romance não pode ser usado como justificativa para sobrepor a nota explicativa fundamental que se encontra presente no espaço dos dados técnicos da edição lançada do livro: “Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles”.

Como bem lembra o próprio Chico Buarque em uma de suas falas descritas por seu biógrafo Fernando Barros e Silva na reportagem já citada anteriormente da revista *Piauí* – fala esta em resposta à exigência do editor Luiz Schwarcz para que ele incorporasse mais a história verdadeira à trama: “só sei fazer ficção. A identidade do irmão aparece apenas no capítulo final do romance. Mesmo assim, essa história está no plano da fantasia” (Buarque apud Barros e Silva, 2015).

Apesar da afirmação do autor, nada impedirá o desdobramento da obra como um produto para além de sua capacidade literária (característica esta marcante da literatura contemporânea), como é o caso do anúncio já estabelecido de um documentário, com direção de Miguel Faria Jr., a ser lançado ainda em 2015. O filme trataria das visitas de Chico Buarque à Alemanha – novamente, a verdade que se espelha no livro virará um produto direto que se sobrepõe à questão ficcional.

Um dos apontamentos facilmente perceptíveis da obra é que Chico Buarque compreende que qualquer fato, por mínimo que seja, ligado a seu nome e figura, ganha uma repercussão relevante dentro da cultura nacional. Por isso, o autor joga com o trabalho de afirmar-se no livro<sup>2</sup> com propriedade para, através das pistas falsas, diluir-se completamente na obra literária. Desse modo, resta uma farsa da qual o leitor tem dificuldades para escapar, já que todos os caminhos, tanto da indústria que o cerca quanto dos veículos midiáticos, alimentam-se da busca incessante pelas “verdades” de um nome com grande repercussão como o dele.

A “espetacularização do autor”, quando se trata de alguém da envergadura de Chico Buarque, pode ter desdobramentos ainda mais significativos na proposta lúdica que a autoficção propõe.

Diferentemente da situação de outros autores que discutem e trabalham a autoficção na literatura contemporânea brasileira – como é o caso de Silviano Santiago, Tatiana Salem Levy, José Castello, Ricardo Lísias e Evando Nascimento –, quando um nome como Chico Buarque se propõe a fazer uma obra autoficcional, transcende-se o espaço acadêmico, pois o alcance da espetacularização de sua figura atinge outros espaços da cultura de nosso país, tornando sua afirmação dentro do livro um jogo de potencialização ainda maior. Isso porque o público que consumirá aquele produto não está necessariamente ligado às

---

<sup>2</sup> Incluindo o nome do personagem principal, o tal Francisco de Hollander, ou Ciccio de Hollander, como fala a mãe italiana em diversos trechos do livro.

questões que compreendem o gênero por um viés acadêmico. Desse modo, o jogo entre autor e leitor transfigura-se num processo até mais legítimo, principalmente quando Chico começa a diluir sua figura com questões pontuais no livro, as quais negam qualquer conhecimento coletivo que emane de sua figura.

Nesse processo de diluição, trechos importantes se apresentam, como é o caso da descrição invertida que faz de seu irmão brasileiro (todas as características físicas que se conhece de Chico Buarque estão no seu irmão dentro da obra, e não no personagem que seria sua representação ficcional) ou a passagem em que Chico é barrado na entrada do Festival de Música Popular da TV Record (como se sabe, nos dois festivais ocorridos na TV Record, Chico saiu premiado, levando o grande prêmio do II Festival de Música Popular em 1966, com “A Banda”, empatado com “Disparada”; e, no ano seguinte, ficando em terceiro lugar no III Festival de Música Popular, com a canção “Roda Viva”). No entanto, as duas diluições ficcionais que mais agregam significados para a obra estão relacionadas à profissão e ao engajamento político do autor na época da ditadura militar.

Em relação à profissão que o Chico ficcionalizado afirma exercer dentro do livro, ele não só nega completamente ser músico, como afirma ser professor de literatura – “desculpe-me, o senhor é músico? Não, respondo, sou professor de literatura” (Buarque, 2014, p. 218) – e, principalmente, um escritor (afirmação esta que seria cabível, afinal, ele realmente é um ficcionista). Porém, no livro ele se apresenta como um escritor de estilo completamente distante do que é realmente, tornando-se um professor de português que dá dicas sobre gramática, na mesma linha de nomes conhecidos como Pasquale Cipro Netto, e que ganha fama mais por suas polêmicas geradas na internet do que com a obra literária criada especificamente.

No que se refere ao engajamento político do personagem em questão, sabe-se que a leitura popular está fortemente influenciada pelo modo como as músicas de Chico Buarque foram usadas como hinos de resistência de um dos períodos mais repressores vivenciados pela sociedade brasileira. Contudo, em sentido contrário, ele opta por apresentar um sujeito completamente alienado dos temas políticos, justamente na mesma época em que ocorreram os principais embates para os quais as músicas do autor se tornaram emblemas, afinal, a memória do personagem atravessa todo o período do golpe militar.

Pode-se concluir, assim, que *O irmão alemão* cumpre com grande habilidade as exigências do gênero autoficcional. Por meio do exercício estético bem arquitetado por Chico Buarque, a desestabilização da fronteira entre real e ficcional se dá em função de sua afirmação direta na obra, que, na sequência, jogando com a leitura espetacularizada que a sociedade brasileira faz de sua figura, dilui-se.

Por um lado, não é possível avaliar a consciência do autor em relação ao peso que sua figura representa para a sociedade brasileira quando se propõe a transfigurá-la no jogo da autoficção. Por outro, também não se pode negar que Chico Buarque tem uma forte intuição desse impacto, o que fica claro por meio da significativa resposta que dá à pergunta “é ou já foi difícil ser Chico Buarque?” em entrevista para a revista *Rolling Stones*: “É difícil ser o Chico quando as pessoas pensam que você é o Chico” (Buarque, 2011).

## Referências

BARROS E SILVA, Fernando (2015). O irmão brasileiro: a busca de Chico Buarque em Berlim. *Piauí*, São Paulo, n. 100, jan. On-line.

BUARQUE, Chico (2014). *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras.

BUARQUE, Chico (2011). Entrevista RS: Chico Buarque. *Rolling Stone*, São Paulo, n. 61, out. Disponível em: <<http://goo.gl/B9h680>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2009). *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.